



CINEMA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA PERSPECTIVA

Lazara Geissequele Martins Oliveira¹

Universidade Federal de Goiás

Jataí, Goiás, Brasil

lazaragmolineira@gmail.com

Resumo: Neste texto trabalho a questão do uso do cinema no livro didático, perpassando questões como a qualidade do conteúdo do livro didático e questionando a forma como os professores tratam o uso de mídia.

Palavras Chave: História; Ensino; Livro Didático

Introdução

Utilizar cinema como ferramenta de ensino não é tarefa fácil, principalmente quando o filme é sugerido no conteúdo do livro didático. Sendo que a preocupação com o crescente uso da mídia e sua aplicação no ensino não é recente. Desde os anos 1920 que o cinema é importante meio de comunicação à população brasileira, e segundo Marcos Napolitano, desde os primórdios do cinema o mesmo já fora pensado como elemento educativo, principalmente no que toca as camadas trabalhadoras. (NAPOLITANO, 2004, p.11) Mas o fato de ter sido pensado já para o ensino e de estar presente na vida da população brasileira a algum tempo, não significa que ele seja efetivamente usado para fins de ensino.

¹ Graduanda em História pela UFG - Campus de Jataí

O uso do cinema em sala pode ser um importante mecanismo de inserção e cooptação do interesse dos alunos pelo ensino de História.

Outro importante aspecto que favorece o uso do cinema em sala de aula é o fato de ser uma linguagem com a qual os alunos estão familiarizados, graças principalmente à TV. Isso possibilita ao professor utilizá-lo de modo a romper com os filtros afetivos que geram repulsa a determinados aspectos da cultura em que estão inseridos. Como é de conhecimento no meio escolar, é comum o professor utilizar o filme com o fim de romper a resistência dos alunos para o trabalho e para a reflexão de conteúdos programáticos. A maior materialidade da linguagem cinematográfica, devido principalmente a imagem, possibilita ao aluno uma mais fácil compreensão de conceitos, hábitos, costumes e fatos histórica e culturalmente distantes no espaço e no tempo, driblando desse modo, a natural dificuldade de abstração. (LOPES, 2010, p.93)

Sandro Fernandes confirma a existência de uma preocupação com a utilização filmes no ensino desde os anos 1920, mas para ele, a real disseminação da sétima arte aconteceu nos anos 1980/90 com a disseminação também dos recursos próprios da tecnologia, necessários para a reprodução do conteúdo filmico.

Mas, será no final da década de 1980, pela influência da historiografia francesa, em especial, e pelo alargamento dos meios de comunicação em massa do país, que o cinema ganhará definitivamente espaço nas discussões pedagógicas, em livros e revistas científicas e em ações e programas de órgãos públicos ligados a educação. (NASCIMENTO, 2008,p. 5)

Em relação ao ensino de História, surgem artigos e livros que versam sobre os procedimentos teóricos e metodológicos inerentes ao uso do cinema em sala de aula. Livros como **Cinema e História do Brasil**, **Cinema e educação: orientação pedagógica e cultural de vídeos**, **Cinema e educação e Como usar o cinema na sala de aula**, por exemplo, são obras didáticas de referência que servem como ponto de partida para os professores saberem usar adequadamente o cinema em suas aulas. No campo acadêmico – universitário, as pesquisas aparecem com vigor a partir da década de 1990. surgem nas universidades dissertações e teses de doutorado que analisam essa relação cinema/história nos seus mais diversos aspectos. (NASCIMENTO, 2008,p. 5)

Se apesar de tantos anos de disseminação da mídia cinematográfica ainda há preocupação quanto a sua utilização/aplicação no ensino, tanto em sala de aula quanto no livro didático, o motivo é algo estar nitidamente errado. Mas o que estaria tão errado?

Seria a forma do professor exercer a profissão? As metodologias por ele empregadas? Sua formação deficiente para o uso de mídias em sala de aula? Seria a deficiência no conteúdo do livro didático? O não entendimento dos alunos quanto ao que lhes está sendo apresentado? Será que o livro didático é realmente um instrumento totalmente inútil no tocante a temática do uso do cinema? Tanto questionamento que ronda a temática do uso do cinema tem resposta? Será que responder a tais questionamentos equivale a conseguir resolver os problemas quanto o uso do cinema no ensino?

Longe de minhas ambições procurar respostas a todos os questionamentos que se dirigem a temática do uso do cinema em sala de aula. A intenção é abordar algumas questões pontuais tanto com o objetivo de abrir reflexão acerca, quanto de relembrar discussões que já foram feitas por teóricos do uso do cinema no ensino.

Cinema, Livro Didático e Ensino, tal combinação levará ao sucesso ou ao fracasso? Preliminarmente dizendo, ao sucesso, uma vez que se gerasse fracasso não insistir iríamos em discutir tal prática.

O Livro Didático de História

Antes de pensar a temática do uso do cinema no livro didático, é necessário trilhar os caminhos de análise do próprio livro didático – mesmo que de forma breve.

Para Maria Dolores Zundt:

A metodologia que acompanha a adoção de determinado livro didático está implícita não só na seleção e organização dos conteúdos neles contidos, mas também, e principalmente, nos textos sem referências bibliográficas, no uso que se faz de imagens e mapas, nas atividades propostas, na concepção de documento histórico apresentada. (ZUNDT, 2002, p.360)

Sendo assim, um livro didático não deve ser apenas um amontoado de conteúdos. Não é apenas uma questão de citar autores, mas colocar no respectivo conteúdo que será apresentado a milhares de alunos uma metodologia de trabalho. Nada que esteja no livro didático deve ser apenas uma ilustração ou um “enchedor de linguiça” – como diz a linguagem popular -, tudo que for apresentado deve ter uma lógica que interligue ao restante do conteúdo no mínimo. O livro didático é um importante instrumento difusor, para Robson Silva e Marlene Carvalho:

Podemos compreender melhor este caráter do livro didático, enquanto difusor de preconceitos, a partir da compreensão de que nossa sociedade é fortemente marcada pela divisão de classes, onde as classes ou grupos dominantes, ou seja, aqueles que detêm o poder de falar *do e sobre* o “outro”, determinam idéias que estão prevalecendo nas “narrativas” e “discursos” presentes nos textos dos livros didáticos, assim como, as representações, concepções e significados que estão sendo difundidas nestes livros na escola. (SILVA e CARVALHO, 2004, p.3)

O livro didático não é apenas um compilado de conteúdos, na perspectiva dos autores acima citados, ele é um importante instrumento difusor de conhecimentos diversificados, e essa difusão é importante porque leva consigo diversas ideologias.

Acerca de o livro didático não ser utilizado apenas como instrumento norteador do ensino, mas como roteiro principal. Observa Silva e Carvalho:

Dante dos avanços tecnológicos e científicos, em vários campos do conhecimento humano e a configuração social que assume as sociedades contemporâneas (GALBRITH, 1982; TOFFLER, 1980, TEVARES, 1993), a necessidade do livro didático é indiscutível, constituindo-se ainda no principal instrumento de direcionamento de professores e alunos em suas atividades em sala de aula. Neste sentido, Freitag (1989) ressalva que professores e alunos acabam tornando-se escravos do livro didático. Ao invés de utilizarem como instrumento de contribuição para o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico e de contra ideologia, acabam tornando-o roteiro principal, ou exclusivo, do processo de ensino aprendizagem. (SILVA e CARVALHO, 2004, p.1)

Ora, que tipo de aluno está se formando se a ele é oferecido um instrumento de aprendizado que é apenas um compilado de conteúdos, que contém o mínimo de metodologia exigida para ser visto como livro didático? Que tipo de formação é oferecida a um aluno cujo docente tenha a atitude de seguir “a risca” um livro que utilize uma imagem desconexa do conteúdo, por exemplo? É claro que nesse momento estou desconsiderando diversos outros fatores que possam de alguma forma melhorar a formação do aluno em questão, e que não estão ligados ao livro didático especificamente.

A participação do professor é tão importante quanto o uso do livro didático no processo de ensino aprendizagem do aluno.

O professor é, não podemos negar, figura-chave no processo educacional, pois da imbricação de fatores que envolvem sua formação técnico-profissional e dos saberes de sua vivência, tanto na profissão quanto na vida pessoal, dependerá significativa parcela do projeto educacional que compõe a realidade de nossas escolas. De sua formação, portanto, depende grande parte do sucesso de uma realidade educacional de qualidade e, neste sentido, não podemos deixar de

refletir sobre os processos de formação e desenvolvimento profissional do professor. (SILVA e CARVALHO, 2004, p. 4)

Sendo que as sugestões de filmes são também partes do conteúdo do livro didático, a discussão pautada no próprio livro didático é importante para que se estabeleça um caminho, uma linha de pensamento na discussão que foi aqui proposta.

Ou seja, preocupações diversas como o nexo existente entre o filme sugerido e o conteúdo discutido. Se a sugestão não passa de uma imagem que está apenas ilustrando o que já foi dito. E ainda pior - nesse caso -, se assistir o filme sequer foi uma atividade sugerida. Pode parecer banal, mas o uso de uma imagem de um filme apenas como imagem estática e não como imagem em movimento pode distorcer toda uma visão acerca de determinado assunto.

Cinema, livro didático e ensino.

Atualmente o acesso às novas tecnologias está cada vez mais fácil (SILVA e CARVALHO, 2004, p.2). De fato, mídia e tecnologia dominaram a vida de boa parte das pessoas, nem é necessário que se prove, porque tal fenômeno ocorre a olhos vistos. Mas a preocupação com a utilização das mídias no ensino não é tão recente. Em seu artigo “Cinema e ensino de Historia”, de 2008, Jairo Nascimento disserta acerca do domínio da mídia sobre a sociedade.

As transformações e os avanços no campo das tecnologias midiáticas e as discussões educacionais no meio acadêmico tiveram reflexos imediatos na educação, que se move de maneira dinâmica, acompanhando as mudanças por que passa a sociedade. (NASCIMENTO, 2008, p.5)

Em uma educação na qual a mídia está inclusa, pensar no uso do cinema como um dos instrumentos de ensino é fácil. Não apenas no tocante à área da História ou das Ciências Humanas, mas em todas as áreas do ensino.

É certo que a área da Historia conta com um grande aparato de filmes e documentários que exploram temáticas na mesma – não estamos discutindo aqui se são bons ou não [ainda] -, por exemplo, *O Nome da Rosa*, *A Missão*, *1492: A Conquista do Paraíso*, *A Outra*, e tantos outros que são bastante conhecidos por fazer parte do cinema comercial e por serem de forma constante exibidos em emissoras de TV que não são pagas.

Esses filmes são comerciais, é verdade. Não foram feitos com a pretensão de ensinar História, mas segundo Napolitano isso não é impedimento para que sejam utilizados no ensino de História. Pelo contrário, o uso de filmes comerciais pode enriquecer a formação dos alunos, desde que o professor proponha explorar a essência do filme, o que tem nas entrelinhas da produção, descobrir o tempo no qual o filme foi produzido e outras peculiaridades que permeiam a feitura de um filme.

Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. O importante é o professor que queira trabalhar sistematicamente com o cinema se perguntar: qual o uso possível desse filme? A que faixa etária e escolar ele é adequado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos? (NAPOLITANO, 2004, p. 12)

Lara Rodrigues Pereira conta com o conhecimento prévio de História que os alunos desenvolvem antes mesmo de chegar a estudá-la como conteúdo. Um conteúdo que chega a eles através de atividades comuns em sua vida, e mesmo que ignorem o que seja Historia, acabam aprendendo um pouco. Pode ser que seja uma fagulha, mas aprendem, e guardam consigo esse conhecimento.

A difusão de conhecimento histórico através das imagens é tema recorrente de autores que se debruçam sobre o Ensino de História, pois é fato que há um conhecimento histórico prévio trazido pelos alunos a respeito de diversos temas. A Historia seria a principal disciplina em que os alunos já teriam aprendizado a respeito de múltiplos temas, sendo que as principais fontes seriam cinema e televisão. (PEREIRA, p.3)

Ora, até o filme do Homem da Máscara de Ferro, que a princípio é literatura, pode trazer algum tipo de conhecimento histórico para quem o assiste. Lembremos - nos do filme *De volta à Lagoa Azul – Return to the Blue Lagoon* -, por exemplo, é possível extrair um conhecimento histórico da sociedade dita civilizada da época na qual a trama do filme se passa. Quem assistiu ao filme com certeza lembra-se da cena na qual chegam “homens brancos civilizados” na ilha e encontram o casal de jovens perdidos, certa feita, uma jovem estrangeira diz à perdida que deve passar pó-de-arroz, pois sua pele está muito queimada do sol, e que de onde ela vem, mulheres de alta posição social tem peles claras, sendo assim, a pele escura é um indicativo de que se é pobre e camponesa, porque este tipo de mulher trabalha em intenso contato com a luz solar. Há aí um conhecimento histórico, pois a trama do filme se passa no século XIX. Segundo Edlene Oliveira Silva, “todo filme é uma fonte histórica, é sempre uma narrativa que nos informa sobre certa sociedade e sua visão de mundo.” (SILVA, 2012, p.215)

O que pretendo demonstrar, é que o cinema é uma importante ferramenta de ensino, que o livro didático de História é um instrumento de ensino não confiável, mas útil, que filmes comerciais são utilizáveis em ensino de História.

Pode ser como o livro didático, um instrumento apenas, ou seja, os filmes por si só não trarão o conhecimento que os alunos precisam apreender, é necessário que o professor trabalhe, lapide, discuta o conhecimento que cada filme carrega em si. Até porque cada indivíduo atribui um sentido próprio à narrativa fílmica.

Além de entender o cinema como veículo de legitimação das ideologias das classes dominantes ou como fator de resistência, cabe pensar sobre as formas de recepção, ou seja, em como os indivíduos atribuem sentidos próprios às narrativas cinematográficas. A capacidade subjetiva de ressignificar e de subverter os sentidos/significados não pode ser subestimada, já que o sujeito não deve ser compreendido simplesmente como receptáculo passivo das mensagens veiculadas, seja pelos livros, seja pela TV, por propagandas, filmes etc. (SILVA, 2012, p.216)

É preciso que o professor esteja preparado a lidar com o cinema no ensino. “Considerando a presença do cinema em sala de aula e o seu uso pelo professor, torna-se fundamental analisar a capacidade necessária ao professor que opera esse instrumento, para uma prática que pode vir a ser didática.” (FERNANDES, 2007, p.61) E estar apto a lidar com cinema em sala de aula requer a disposição a discutir e questionar a narrativa e a capacidade de não passar aos alunos as identificações que se tenha com as personagens. “O professor que orienta deve ter clareza e controle (...), não só sobre o filme, mas também sobre as implicações desse uso em sala de aula, bem como as experiências que o filme pode gerar para o aluno.” (FERNANDES, 2007, p.62).

Segundo Fernandes, o professor não precisa ser um cinéfilo, mas precisa entender a produção de um filme. Para um entendimento completo do filme é necessário que se analisem personagens, figurino, continuidade, planos, seqüências, cenários, textos, sons e imagens, aspectos sócio organizacionais e empresariais do cinema, pontos de vistas da narrativa, por exemplo.

Desconsiderar as peculiaridades da linguagem cinematográfica leva ao equívoco de tomar as imagens como idêntico ao “real” e, por conseguinte, tomar as narrativas como objetivas e “verdadeiras”. É lícito que o professor privilegie na sua análise os personagens e o aspecto histórico da trama, mas deve lembrar os alunos que os personagens são ficcionais, sendo construídos por um ponto de vista que nunca é imparcial e objetivo. Além do mais, seria muito frustrante para o aluno projetar um filme de ficção para depois tratá-lo

como um documentário jornalístico ou um baú de variedades onde se pode pinçar qualquer objeto e tomá-lo isoladamente em prejuízo dos restantes. (SILVA, 2010, p. 95)

Se o professor não souber utilizar o cinema em sala de aula, sua apresentação torna-se inócua. Ele estará apenas rendendo mais lucros à indústria cinematográfica e por vezes fazendo com que o aluno assista algo que já tenha assistido em sua própria residência.

Utilizar filmes para ilustrar um conteúdo que já tenha sido ministrado ou que venha a ser ministrado também não é uma boa escolha a ser feita. Assim como não é uma boa escolha utilizar-se de filmes para suprimir a fala em uma aula, por qualquer motivo que seja.

O professor, na ânsia de atualizar seu discurso e se aproximar do aluno, utiliza os filmes na sala de aula como alternativa e muitas vezes como substituição originada pela ausência e ou dificuldades de obtenção do material didático e de outros recursos como bibliotecas equipadas, visitas a museus e locais históricos, pinacotecas entre outros. Mas, caso não se considere a cultura do aluno, qualquer estratégia de ensino pode ser refutada e não lograr êxito. (FERNANDES, 2007, p. 11)

Assim como, apenas sugerir filmes no livro didático, não é suficiente para que haja um uso correto do mesmo. É necessário que as sugestões estejam ligadas ao conteúdo, que haja atividades que os professores possam desenvolver com os alunos e que façam com que os alunos realmente reflitam o que viram, e que abram espaço e oportunidade para que o professor discuta de maneira a acrescentar ao ensino.

E também, que o poderoso meio de cooptação que é o cinema, possa fazer do aprendizado do aluno uma tarefa não monótona, uma vez que ele é “filho” de um tempo no qual há alto grau de interação tecnológica.

Conclusão

A conclusão de um texto nunca é a conclusão de um assunto. Um texto abre sempre possibilidade de novas discussões. Enfim, esse texto não é diferente dos demais.

Mesmo sendo o livro didático um instrumento apenas, ele poderia ser melhor pensado e melhor aproveitado também. ”Os professores utilizam o livro didático como

principal manual de orientação para sua aula” (SILVA e CARVALHO, p.2) Ao menos no que toca a discussão acerca das sugestões de filmes e a organização do conteúdo.

Quem sabe os autores dos livros didáticos pudessem colocar neles atividades e projetos que pudessem abrir mais possibilidades de discussão e aproveitamento do uso do cinema, ou mesmo tratasse sétima arte de uma maneira mais analítica. Poderiam os próprios livros didáticos ajudar mesmo o professor despreparado a acrescentar na formação de um aluno, com a utilização de filmes e documentários.

Quanto aos professores, parar de utilizar filmes apenas para prender a atenção dos alunos e começar a analisar de maneira interessada e profunda este instrumento que pode servir também para aumentar a qualidade do ensino/aprendizado.

Se o filme ajuda a cooptar a atenção, porque não fazer da experiência de utilizar filmes, vídeos e imagens – enfim, todo este aparato –, uma experiência altamente produtiva onde os alunos participem, debatam, façam acontecer a aula.

Não seria a carreira docente menos penosa se os alunos tivessem um prazer maior em assistir uma aula? Não quero agora questionar os motivos que levam um aluno a gostar ou não de uma aula. Mas se sentimos prazer em assistir um filme, porque não poderíamos “unir o útil ao agradável” e fazer aulas mais dinâmicas e leves.

Se tantos autores nos mostram que é possível utilizar o cinema em sala de aula, como Marcos Napolitano, por exemplo, deveríamos dar um passo a mais em nossas respectivas formações e interagir com o que há de “novo”. Talvez a própria Academia esteja precisando dar um passo a frente na formação dos professores, mas isto é discussão para outro momento.

Referências

CAIMI, Flávia Eloísa; LAMBERTI, Mayara Hemann; FERREIRA, Mariluci Melo. *O cinema como fonte histórica na sala de aula*. Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História - Florianópolis/SC: 2011.

DIAS JÚNIOR, Nêodo Noronha. *Novas Tecnologias e ensino*. Revista Virtual de Ciências Humanas. Ano 1, nº 3 – IMPRIMATUR: 1999.

FERNANDES, Sandro Luís. *Filmes em sala de aula – realidade e ficção: uma análise do uso do cinema pelos professores de História* - Curitiba: 2007.

MENDES, Sandra Regina. FERNANDES, Fabiana de Marinho. *Livros didáticos e o uso de filmes no ensino de História: Analises das propostas metodológicas sugeridas aos professores*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo: 2011.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Cinema e ensino de história: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula*. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 5, Ano V, nº 2 (www.revistafenix.pro.br)

PEREIRA, Lara Rodrigues. *A abordagem didática do uso do cinema em sala de aula*.

SANTOS, Paloma Nascimento dos. AQUINO, Kátia Aparecida da Silva. *Utilização do Cinema na Sala de Aula: Aplicação da química dos perfumes no ensino de funções orgânicas oxigenadas e bioquímica*. Revista Química Nova na Escola. Vol. 33, nº 3: 2011.

SILVA, Edlene Oliveira. *O cinema na sala de aula: imagens da Idade Média no filme*. História: Questões e Debates. Nº 57 – Curitiba: Editora UFPR, 2012.

SILVA, Robson Carlos. CARVALHO, Marlene de Araújo. *O livro didático como instrumento difusor de ideologias e o papel do professor intelectual transformador*.

SILVA, Marciano Lopes. *Literatura e cinema na sala de aula: uma análise da tradução cinematográfica de “O Cortiço”*. Revista JIOP, nº 1. UEM: Departamento de Letras Editora, 2010.

ZUNDT, Maria Dolores. *Imagens da América no ensino de História: Livros didáticos, filmes e CIA*. Projeto História – São Paulo: 2002